

ABSALÃO

Ao Vitório de Castro

Accidit autem ut occurreret Absalom servis David, sedens mulo; cumque ingressus fuisset mulus subter condensam quercum ut magnam, adhaesit caput eius quercui, et, illo, suspenso inter coelum et terram, mulus cui insiderat pertransivit.

*Biblia Sacra: Liber secundus regum,
Caput XVIII-9*

O ORELHUDO PAROU, fincando os jarretes nervudos na felga macia da clareira. A catinga acabava ali num rarear de juremas raquílicas, e para diante várzeas estendiam-se planas, atapetadas de verde. A copa alta das catandubas estremecia no ar luminoso e o lento choro dum fio de água remoto, escondido no maciço da floresta, punha uma suave tristeza na claridade diáfana daquela manhã de inverno. Balanceando o cupim grosso, respirando ruidosamente a frescura do ar, ainda mais se firmando nas pernas fortes, o touro soltou um longo mugido, que morreu em gradações infinitas de eco em eco que acordavam e readormeciam pelo sertão em fora.

Fazia muito tempo já que a vaqueirama esperta da ribeira gastava os cascos dos cavalos e os couros rubros das vestes a palmilhar as várzeas e a esfuracar as catingas, na incessante procura daquele touro destemido, que desafiava por seus mocambos a longa experiência dos vaqueiros, todas as traças e artimanhas legadas de pais a filhos; que, pela sua ligeireza de gato, deixava para trás os mais afamados campeadores do gado arisco daquelas regiões. Nunca ninguém lhe pusera as mãos. Raros vaqueiros o haviam avistado de alcatra, como um relâmpago, a embrenhar-se no mato. Outros ouviram o seu urro vagaroso e duro, reboando nos pedregais. Quase todos o esperavam na bebida, na malhada, nos pastos frescos com a baba-gem a rebrotar às primeiras chuvas. Tudo debalde. O bicho andava no fado. Deixava as vacas de leite ao abandono e nem tinha, assim parecia, desejos de topar pelos vargedos com as novilhas tenras, aptas já para a procriação. De tal braveza se tomara e de tal medo do homem andava cheio, que até se lhe haviam apagado daquele jeito os instintos sensuais de velho chefe dos currais alegres.

Fugira da fazenda após uma grande vaquejada²⁹ de gala, com que

²⁹ Estava grafado *vaquejada*.

o Coronel Bento Pais solenizara o casamento de sua filha Dorotéia com o juiz substituto do Canindé. Fora uma festa grande. Mais de cem encourados tinham-se reunido no pátio vasto da fazenda. Mataram-se oito bois. Estralejou o foguetório no ar radioso. A derrubada de gado diante dos convidados foi extraordinária. Quase não houve rês que escapasse de ser “enrolada” e não provasse com o lombo a dureza do barro. O Orelhudo levou quatorze quedas. Ao outro dia sumiu-se da pastaria e amocambou-se para os lados da serra das Antas:³⁰ ia em quatro meses que por lá andava.

O Coronel Bento Pais zangou-se com o seu velho touro. Entendeu de fazê-lo voltar ao curro, custasse o que custasse, apesar do Gavião já andar com as vacas, arrebanhando-as, com muita alegria de sua parte e grande gáudio da parte delas. O Gavião era um novilho liso vermelho, que, por sua beleza de pêlo e seu elegante talhe de macho, escapara da capação num dia em que se faziam bois para os mercados futuros. Fora o Chico Matos, o vaqueiro, quem suspendera com um gesto a faca amolada do Zé Capador e fizera notar ao Coronel a beleza masculina do animal. Afrouxaram-lhe o laço e soltaram-no. Criou-se no descampado das margens do rio e raramente vinha espiar o curral da sombra distante duns paus brancos, lá na extrema do pátio. Logo que o avistava, ciumento, o Orelhudo escarvava o chão e despedia veloz sobre ele, de pontas em riste. O Gavião fugia. Um belo dia, chegando àquela parada costumeira não ouviu urros de touro nem avistou o rival feroz. Foi-se aproximando cauteloso e fez-se dono do harém. O domínio do sultão velho tinha passado. E agora era ele quem corria célere sobre os novilhotes que surgiam na orla da catinga, a espiar o curro, na necessidade natural de fecundar as vacas.

O caprichoso fazendeiro prometera uma feita, na venda do Bom Princípio, perante uma meia dúzia de vaqueiros, uma pelega nova de cem mil réis a quem lhe trouxesse de máscara³¹ e chocalho o Orelhudo ligeiro e uma de cinquenta a quem lhe entregasse a bassoura³² do bruto e as suas orelhas assinaladas, ensinando-lhe o local onde a carcaça tivesse ficado para matar a fome dos urubus.

³⁰ Admitindo que a expressão *serra das Dansas*, que estava no texto não corresponde a qualquer acidente orográfico do Ceará, preferimos corrigir colocando *serra das Antas*, que esta existe, entre Jaguaruana e Itaiçaba, no baixo Jaguaribe, região tradicionalmente propícia ao criatório. (O.C.)

³¹ Por motivos à primeira vista injustificáveis, é comum acentuarem os matutos o segundo *a* da palavra *máscara*, cobertura de couro que apõem aos “rostos” dos bois “brabos”, depois da “pega”.

³² Chamam “bassoura” o penacho de longos cabelos que faz a extremidade da cauda dos bois. É uma corrupção, com a troca do *v* pelo *b*, muito característica do substrato da pronúncia lusa nos sertões cearenses.

A notícia espalhou-se pelo sertão a fora com a rapidez do telégrafo. Aquele povo que sabia quantos ovos punham as galinhas da mulher do João Socó e quantas rapaduras o Coronel gastava por mês, vivendo sem assuntos de conversa, à cata de niquices para se entreter, deu trela aos comentários. Não havia vaqueiro que ao topar com outro, entre notícias e roteiros de gados tresmalhados, não lhe dissesse:

— O Coronel prometeu cem mil réis a quem pegar o Orelhudo e cinquenta a quem o matar. . .

Em ribeiras distantes, além do Caxitoré e para cima da serra do Machado, já se falava no assunto. A vaqueirama da Várzea do Meio desesperara de pegar o bicho. A influência da recompensa passara ao rol das coisas velhas. De fora, às vezes, chegavam vaqueiros, pediam campo, procuravam o Orelhudo e se tornavam às suas terras, descoroçados da empresa.

Só quem nunca desanimou foi o Mariano da Lagoa do Lemos. Toda semana tirava um dia para perseguir o touro. Às vezes gastava dois e não o encontrava. Era, porém, o único que se gabava de o ter visto várias vezes e numa delas, se não fora o Juriti — dizia ele, amaldiçoando o seu cavalo de campo ser fraco de mãos e cair de ventas num barranco, o Orelhudo estava no curral e os cem mil réis no seu bolso. Lá ficara na aba da serra a marca da sua passagem. Quebrara a garranchada da catinga, “entupindo no fundo” do touro, e uma vez passou-lhe a mão no sedenho, sentindo a aspereza dos pêlos da saia de encontro ao seu guante de couro. A mulher que dissesse se nele não tinham vindo cabelos do mocambeiro e se não levara três dias a remendar o seu gibão, rasgado de unhas-de-gato.³³ Diziam que era sua mentira, mas muitos viram, riscando o mato da serra, o trilho aberto pela passagem do touro com ele no piso.

Quando o Orelhudo soltara o urro repetido de monte em monte, o Mariano estava apeado no sopé da serra, manducando a farinha e a carne do alforje. Parou de mastigar. Conheceu o ronco do touro. Nem guardou o resto da comida, nem afivelou o alforje à garupa do *ginete* de sola bordada. Carne e farinha ficaram espalhadas nas

³³ Para esclarecer o leitor não nordestino e já que G.B. não apelou nem para aspas nem para caráter diferenciador de tipo, explicaremos: *unha-de-gato* é uma espécie de planta silvestre de fortes espinhos, terror dos vaqueiros, quando na *catanga*, na caça ao boi.

pedras para o jantar dos mocós. De um salto estava a cavalo na direção de onde viera o mugido.

Ao surgir da catanga espessa, na orla da clareira, avistou de relance o Orelhudo esfuracando o chão. Despejou-se sobre ele. Não montava mais o Juriti. Agora era o Meladão, cavalo de campo que não conhecia parelha naqueles sítios. Mas o touro embrenhara-se no mato, partindo a ramaria num estralejar terrível. Atrás dele enfiou o Meladão destemeroso. O Mariano deitado sobre o pescoço do cavalo, joelhos apertando o arção da sela, pés firmados nos estribos fortes, braço estendido para segurar o rabo do animal, vinha quase se emparelhando com o Orelhudo. O touro levava nas armas, partidos, galhos de paus brancos e ramos de pequiás frondosos. Galhadas quebravam-se de encontro ao chapéu do vaqueiro, feito de sete couros superpostos.³⁴ Às vezes um garrancho escapo aos chifres do Orelhudo, com a força duma mola distendida, vergastava o cavalo suorento ou a cara abandalhada do Mariano, já com riscos vermelhos de arranhões. Um estrepe furara o peito do Meladão. Um fio de sangue corria lento entre os pêlos. Os seus flancos estavam riscados de espora. A catanga fechava-se cada vez mais. Copas de juremas baixas entreteciam-se umas nas outras. Por vezes, o vaqueiro pendurava-se a um lado do cavalo, segurando-se ao arção.

De repente, veio-lhe uma dor lancinante, como de facada, na face e na orelha. A correia rija do barbicacho, correu-lhe do queixo para o pescoço, apertando-o. O chapéu escorregou para a nuca. Sentiu-se levantado no ar. O Orelhudo sumia-se entre cipoais, lá adiante, e o Meladão saiu-lhe das pernas na velocidade da carreira. Estava dependurado pelo pescoço. Um galho forte de jurema meteu-se por entre o barbicacho e o rosto, suspendendo-o por aquela golilha, enforcando-o.

Esperneava, sem fôlego, em desespero. Sufocava-se. Levou as mãos ao alto da cabeça, para suspender-se. Agarrou o galho e logo retirou as mãos ensangüentadas num grito abafado. Os espinhos venenosos da jurema tinham-se-lhe enterrado nas palmas. O seu peso apertava terrivelmente a alça de couro. A língua já lhe ia saindo da boca, rubra e viscosa. O peito arfava em haustos. Subia-lhe o sangue à cabeça, afogando-lhe os pensamentos. Rápida, fugaz, uma sensação de gozo se lhe espalhou da nuca pelo corpo todo...

Duas ou três vezes tentou, cada vez mais fracamente, abarcar com as mãos o galho que o suspendia. Retirava-as em sangue num grito rouco. Procurou quase insciente a faca no cinto, para cortar a

³⁴ Esta observação documental é importante, sabido que, em questões de tradições nordestinas, G.B. era fino observador e honesto registrador.

jugular que o enforcava. Tateando, achou-a; mas ela escorregou-lhe da mão trêmula, retinindo de encontro aos seixos do chão. Aquele som metálico ecoou na zoeira do seu cérebro, longínquo e sonoro, como um dobre distante de sinos. . .

Ainda tentou levar as mãos ao alto da cabeça. Mas elas caíram logo ao se erguerem. Bracejou assim algum tempo com o sinistro vagar da impotência. Depois, elas penderam lassas ao longo das coxas. As pernas flácidas mais se esticaram. O corpo distendeu-se num último estremeção. . .